



O horroso
Crime
d'Aldeia de
Matos

Um homem que
traioeiramente
mata outro vi-
brando-lhe sete
facadas

O povo sente, com dor,
Ali n'aldeia do meto
Um crime cheio de horror
Um barbaro assassinato.

Pobre João Amaral
Homem de sãs simpatias
Tinha na vida um rival
O malvado Zé Matias.
Andavam de zanga, a monte
Mas um dia com verdade
No Mercado em Belomonte
Firmavam nova amizade.

Foram ambos, com carinho
Beber confraternizar
Mas depois já com o vinho
Voltaram-se a zangar.
Alguem afasta a questão,
E segue um p'ra cada lado
Já longe o pobre João,
E' de repente atacado.

O Matias tão banal
Como a fera se arrogou
E p'lo corpo ao Amaral
Sete facadas vibrou.

Fugia desorientado
Sem saber o que fazer
Logo após, foi encontrado
O enfeliz a morrer.

O Regedor de repente
Manda o p'rido p'ró hospital
E vai procurar fermente
O assassino brutal.

Prendem-lhe então o cunhado
Por se negar á questão
Mas o Matias culpado
Apresentou-se á prisão.
Morreu o pobre Amaral
Foi tão triste o seu destino
Mas agora o tribunal
Castigará o assassino.

A VII Volta a Portugal

HOMENAGEM AOS CORREDORES



Os que conseguiram,
Ir até ao fim
São bravos rapazes
E os que desistiram
São cá para mim
Tambem fortes azes
Isto é homenagem
Da vossa coragem
Com amor e graça
Bravos corredores
Sois sem desprimores
Portuguezes de raça.

ESTRIBILHO

Albuquerque
Foste a risca
Na verdade
Um assombroso (laisca)
Vencedor
Que nos consola
A tua alma singela
Soube honrar a camisola
Amarela

Um az do Pedal
Muito se feriu
Deixou-nos saudade
Foi p'ró hospital
Assim desistiu
O bravo Trindade
Nicolau veterano
Ainda hoje é
dolo das multidões
E' justo é humano
Dar cheio de fé
aos novos lições

ESTRIBILHO

Albuquerque, etc., etc.

O crime de Salvaterra de Magos

Em Salvaterra de Magos
Na freguesia da glória
Um filho matou a mãe
A Maria Tiodória.

Ela já era viúva
E tinha ideia de casar
Por isso o Madelino
A intentou matar.

E quiz ficar com o dinheiro
Terras, casas e ouro
Por isso mata a mãe
Para ficar com o tesouro.

Já depois de a ter morta
Sem ter paixão nem ter dôr
Mandou chamar a polícia
Arrou-se em investigador.

Quarenta e tal contos
Num barróte arrecadados
Para depois dividir
Pelos irmãos e cunhados.

Mataste a tua mãe
O ladrão o traçoceiro
Hoje estão numa prisão
Não lhe gosam o dinheiro.

odTos teem a culpa
Mas o pior é o Madelino
Que parte em ser queixôso
Sendo êle o assassino.

Para ver se ficava livre
Serrou uma trave ao telhado
Para dizer que era um ladrão
Que sua mãe tinha matado

Deus não quer nada encoberto
Tem tudo da sua mão
O Madelino malvado
Paga agora na prisão.

Vejam bem o que é que causa
A ilusão do dinheiro
Um filho matar a mãe
Para ir para o Limoeiro.

Mataste a tua mãe
O' ladrão traçoceiro
Que tudo isso te levou
A ambição do dinheiro.

Arrependimento da filha

Sou malvada e cruel filha
Meu crime vou confessar
Uma filha que mata a mãe
Deus não lhe pode perdoar.

O juiz lhe perguntou
Mulher confessa a verdade
A chorar com piedade
Eu matei quem me criou
Uma mãe que me gerou
A quem arranquei a vida
Hoje choro arrependida
Aqui neste tribunal
Deilhe uma morte fatal
Sou malvada e cruel filha.

O demónio me tentou
P'ra cair cair na triste sorte
Para assim dar a morte
A quem trabalhos passou
O juizo me variou
Por minha infelicidade
Esta minha crueldade
Foi pelo meu mau intento
Matei naquele momento
Quero dizer a verdade.

Ao tormento vou parar
Lá no fogo mais eterno
Serei chamada ao inferno
Por minha mãe assassinar
Na prisão estou a pagar
Sem auxilio de ninguem
Eu perdi tão doce bem
Mereço ser castigada
E merecia ser queimada
Uma filha que mata a mãe.

Quantos beijos ela me deu
Aquele mãe carinhosa
Dei-lhe uma morte horrorosa
A quem tanto por mim sofreu
A pobre infeliz morreu
E ela me pediu a chorar
Que a não quizesse matar
Nada disso escutámos
Até a lingua lhe tirámos
Deus não nos pode perdoar.